

o que pensam os pensadores da economia no brasil? um estudo empírico sobre a produção em história do pensamento econômico e metodologia nos congressos da sep e anpec entre 2004 e 2014*

what do thinkers of economics think in brazil? an empirical study about the production in the history of economic thought and methodology at the sep and anpec congresses between 2004 and 2014

Emmanuel Boff**

Faculdade de Economia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

Conrado Krivochein***

Faculdade de Economia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

RESUMO

O presente estudo investigou a produção em História do Pensamento Econômico (HPE)/Metodologia nos congressos da SEP e ANPEC, entre os anos de 2004 e 2014. Mais especificamente, o objetivo principal do trabalho foi verificar qual é a diferença entre a SEP e a ANPEC no que tange à permeabilidade da fronteira entre HPE/Metodologia e outras áreas da economia, com ênfase nas diferenças entre teóricos estudados pelos pesquisadores nos dois congressos. Verificou-se que a fronteira entre a HPE/Metodo-

ABSTRACT

The present study investigated the production in History of Economic Thought (HET)/Methodology at SEP and ANPEC congresses between 2004 and 2014. More specifically, the main objective of the article was to check the difference between the congresses of SEP and ANPEC regarding the permeability of the frontier between HET/Methodology and other areas of economics, with the focus on the differences between the authors studied by Brazilian researchers at the two congresses. We show that there is,

* Agradecemos as contribuições e críticas dos participantes dos seminários de Pós-Graduação em Economia da UFF e da UFRJ, além dos participantes dos congressos da SEP 2014, ABPHE 2014 e ESHET-Belo Horizonte 2014, e das sugestões dos dois pareceristas anônimos desta revista. Eventuais erros que porventura ainda aparecerem no artigo são de responsabilidade dos autores.

Submetido: 22 de outubro de 2014; aceito: 19 de janeiro de 2016.

** Professor adjunto da Faculdade de Economia da Universidade Federal Fluminense.
E-mail: emmanuel.economia@gmail.com

*** Doutorando em Economia pela Universidade Federal Fluminense.
E-mail: conradokrivo@gmail.com

logia e outras áreas é efetivamente permeável, principalmente no congresso da SEP e, em menor grau, da ANPEC. Verificou-se ainda que os pesquisadores brasileiros de HPE/ Metodologia concentram fortemente seus estudos em autores clássicos (Smith, Marx, Keynes, Furtado). Ao mesmo tempo, identificamos uma enorme dispersão de autores menores referenciados nos artigos apresentados nos congressos.

Palavras-chave: História do Pensamento Econômico. Metodologia. SEP. ANPEC.

indeed, a permeability of HET/Methodology authors in other areas of economics, mainly at the SEP congress and, to a lesser degree, at the ANPEC congress. We also show that Brazilian researchers strongly concentrate their studies in classic authors (Smith, Marx, Keynes, Furtado). At the same time there is a huge dispersion of minor authors cited in the articles presented at the congresses.

Keywords: History of Economic Thought. Methodology. SEP. ANPEC.

Introdução

Ao contrário de muitos países onde a História do Pensamento Econômico (HPE) deixou de ser cadeira obrigatória para a formação do economista desde os anos 1970 (Weintraub, 2002), no Brasil a situação é diversa¹: não apenas as matérias em HPE e Metodologia são obrigatórias na graduação, como, por vezes, fazem parte do ementário obrigatório da pós-graduação de alguns cursos². Qual seria a importância da HPE na diversidade de temas e interesses do que se estuda hoje, academicamente, na área de economia no Brasil? Seria o estudo de HPE útil para um pesquisador que não apenas deseja estudar alguma ideia econômica do passado, mas que deseja aplicá-la para o estudo de um problema atual?

Para tentar jogar alguma luz sobre as perguntas acima, propusemo-nos atingir o seguinte objetivo: verificar qual é a diferença entre os congressos da SEP e ANPEC no que diz respeito à permeabilidade da fronteira entre HPE/Metodologia e outras subáreas da economia, com foco nas diferenças entre os principais teóricos estudados pelos pesquisadores brasileiros nos dois congressos.

O motivo para a escolha desses dois congressos é seu alcance nacional e o fato de eles agregarem pesquisadores em economia das mais dife-

¹ Ver, por exemplo, a diretriz curricular de 2007 do MEC para a área de ciências econômicas. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2007/rces004_07.pdf>, principalmente os Artigos 4º e 5º.

² Por exemplo, da Universidade Federal Fluminense (UFF) e da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

rentes áreas (micro, macro, economia regional, economia internacional etc.), sem ênfase nesta ou naquela subárea específica da economia. Além disso, tais congressos funcionam como fóruns em que os pesquisadores das mais diferentes áreas, escolas e interesses em economia apresentam e discutem trabalhos que estão em desenvolvimento e que futuramente poderão ser publicados em revistas e periódicos especializados. Devemos esclarecer, contudo, que nosso objeto de estudo *não contempla* toda a produção acadêmica desenvolvida no Brasil, na área de economia, seja porque não contemplamos o material publicado em periódicos ou livros na área, seja porque há outros congressos grandes da área no Brasil³. Ou seja, nossa análise não se pretende capaz de exaurir toda a produção em HPE/Metodologia no Brasil, tampouco afirmar que os textos apresentados nesses congressos refletem com precisão o estado da produção nessas subáreas da economia no Brasil. Entretanto, cremos que a utilização desses dois congressos pode funcionar como uma aproximação razoável de temas e interesses dos pesquisadores em economia no Brasil – e também do lugar que a HPE e a Metodologia podem ocupar nessas pesquisas.

Para que pudéssemos manipular o material empírico à disposição – a “massa” de artigos apresentados nos congressos da SEP e ANPEC nos últimos 11 anos –, precisamos tomar algumas decisões metodológicas. Essas decisões foram de dois tipos: em primeiro lugar, a decisão se refere ao critério com que classificar os artigos como pertencendo à área da HPE e/ou Metodologia. Em segundo lugar, a decisão diz respeito à aferição da permeabilidade da fronteira da HPE/Metodologia com relação a outras áreas da economia. A explicitação desses critérios é necessária, pois as classificações de áreas temáticas da ANPEC e SEP não são compatíveis uma com a outra, além de não permanecerem fixas nos últimos

³ Na própria área de pensamento econômico, há congressos brasileiros que rivalizam em tamanho com os da SEP e ANPEC nos últimos anos, como os congressos da Associação Brasileira dos Pesquisadores em História Econômica (ABPHE) e os congressos do NIEP-Marx (associado à UFF) e do CEMARX (associado ao IFCH da UNICAMP). Contudo, esses congressos possuem foco predominantemente na história (ABPHE) e na tradição de um autor específico (NIEP-Marx e CEMARX). Logo, o uso desses congressos tenderia a sobre-representar a produção de um autor (Marx) ou de uma área (história), não permitindo que verificássemos a variedade de temas e autores estudados em HPE/Metodologia no Brasil, bem como sua permeabilidade com relação a outras subáreas da economia.

10 anos. Além do mais, não há uma uniformização das ementas das disciplinas de HPE e Metodologia nas faculdades nacionais. Ou seja, não podemos recorrer nem ao escopo da área de economia nem a uma definição consensual da comunidade de pesquisadores brasileiros de economia sobre qual o conteúdo específico da HPE e da Metodologia.

A *justificativa* para este trabalho é dupla: primeiramente, embora haja pesquisas realizadas em História do Pensamento Econômico brasileiro (Malta, 2011), não há, até onde vai nosso conhecimento, uma pesquisa *empírica* sobre a produção acadêmica em HPE e Metodologia feita no Brasil. Ou seja, não há conhecimento de quais e quantos autores – brasileiros ou não – mais interessam aos pesquisadores de HPE/Metodologia brasileiros nem se sabe de onde eles vêm e que temas os interessam.

Dessa forma, e em segundo lugar, o artigo gostaria de verificar se a HPE e a Metodologia efetivamente podem contribuir para a construção de modelos e difusão de diferentes perspectivas sobre os problemas econômicos estudados em outras subáreas da economia. Em outras palavras, este tipo de trabalho, se bem-sucedido, pode ajudar a verificar *empiricamente* se a fronteira entre a HPE/Metodologia e outras subáreas da economia (tal como apresentadas nos congressos da SEP e ANPEC) é permeável. Cremos que é nesse ponto que se encontra a possível *novidade e relevância* deste trabalho. Afinal, a diretriz curricular da CAPES supracitada indica que o aluno de economia “deve diferenciar correntes teóricas a partir de distintas políticas econômicas” e que a “formação histórica” deve proporcionar um “posicionamento reflexivo, crítico e comparativo” por parte do formando. Logo, seria em princípio importante que as várias correntes teóricas de pensamento econômico estejam representadas na produção em HPE e Metodologia no Brasil.

Conclui-se o artigo discutindo brevemente algumas eventuais implicações do fato de a produção de HPE no Brasil ser bastante diversa (principalmente no caso do congresso da SEP), mas basicamente concentrada em apenas alguns autores clássicos. Igualmente, sugerem-se algumas linhas de desenvolvimento dessa pesquisa no futuro.

1. Metodologia

1.1 O problema inicial: a possível “superclassificação” de artigos como pertencentes à área de HPE

A principal questão que se nos apresentou diz respeito a como tratar a “massa” empírica de artigos científicos à nossa disposição de forma a identificar a HPE e a Metodologia nesse montante de textos. Ou seja, logo de início um problema metodológico se impôs: por um lado, como afirmamos na introdução deste artigo, as classificações das diversas subáreas da economia, tanto dos congressos da SEP como ANPEC, mudaram nos últimos anos. Por outro, não há um currículo uniforme com as matérias de HPE/Metodologia entre as muitas faculdades brasileiras de economia. Dessa forma, o tipo de artigo que o congresso da SEP pode considerar como HPE/Metodologia poderia não ser exatamente equivalente ao tipo de artigo que a ANPEC considera como HPE/Metodologia. Por sua vez, cada faculdade – e, no limite, cada professor – pode fornecer diferentes perspectivas sobre as contribuições que a HPE e a Metodologia podem dar à economia, mesmo em se tratando dos mesmos autores estudados.

De fato, como sugere o Documento de 2013 da Área de Economia da Comissão Trienal da CAPES⁴ para avaliação dos cursos de graduação em economia no Brasil, a tangência e intersecção da economia com outras áreas (como ciência política, história, administração de empresas, relações internacionais, ciências contábeis, entre outras) é potencialmente grande. Conquanto este seja um ponto positivo em nossa área – haja vista que a complexidade do mundo moderno demanda estudos e metodologias de pesquisa cada vez mais inter e transdisciplinares (ver Santos, 2003; Morin, 2000) –, para fins deste artigo, tal característica pode ser complicadora. Como o próprio Documento da Área de Economia da CAPES acima indica, “os coordenadores [da Pós-Graduação em Economia] identificaram ainda grande dificuldade em traçar o limite do que é estritamente da área de economia”. Acreditamos que essa dificuldade de traçar um escopo bem delimitado do que pertence à área de economia

⁴ Ver documento da CAPES. Disponível em <http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacaotrienal/Docs_de_area/Economia_doc_area_e_comiss%C3%A3o_16out.pdf>.

pode influir na mudança das categorias da classificação das áreas de pesquisa dos congressos da SEP e ANPEC, com o passar dos anos. Embora tais mudanças não tenham sido radicais no período de estudo aqui incluído (2004–2014), no longo prazo elas tendem a evidenciar o fato de que a classificação do conhecimento na área de economia pode variar bastante.

Tal dificuldade em delimitar um escopo para as subáreas de estudo da economia nos levou a elaborar um critério próprio de classificação de artigos. Essa classificação deveria dar conta tanto da diferença entre os congressos da SEP e ANPEC, como da pluralidade de visões que distingue a produção científica em economia no Brasil⁵.

Dito isso, pode parecer que a nossa proposta neste artigo é tentar definir o que é a HPE e a Metodologia na produção total na área de economia na ANPEC e na SEP. Não é o caso, entretanto. De fato, essa dificuldade persiste como problema não apenas no Brasil, mas em universidades de renome em economia pelo mundo todo. O que nos propomos fazer neste artigo é analisar a “massa” empírica de artigos científicos em ambos os congressos e identificar quais assuntos e teóricos pertencem à área de HPE, quais pertencem à área de Metodologia e de que forma os congressos da SEP e ANPEC permitem uma permeabilidade da HPE e Metodologia para outras subáreas de estudo econômico.

Ora, a questão de fundo que se nos colocou diz respeito ao papel da *tradição de pensamento* no desenvolvimento da atividade científica. No esteio da contribuição que os críticos da tradição neopositivista como Popper (1994), Kuhn (1997) e Feyerabend (2007) nos deram nas últimas décadas, sabemos que a atividade científica se desenvolve sempre em

⁵ Deve-se observar que os congressos da SEP e ANPEC possuem histórias bastante diferentes e, como apontou adequadamente um parecerista anônimo deste artigo, parecem caracterizar diferentes comunidades de pesquisa com diferentes critérios de legitimidade científica. A ANPEC foi criada em 1973, no bojo de discussões sobre a profissionalização da produção acadêmica na área de economia no Brasil, tendo como pano de fundo o papel da Fundação Ford (Fernandez; Suprinyak, 2014). A SEP, por sua vez, foi criada vários anos depois, em 1996, tendo como objetivo “garantir um espaço ampliado de discussão a todas as correntes teóricas e áreas de trabalho que entendam a economia como uma ciência inescapavelmente social e que, por isso, tenham na crítica ao *mainstream* seu elemento comum” (SEP, 2015). Ou seja, há um viés crítico ao *mainstream* na história da SEP, o que não transparece na ANPEC. Até onde vai nosso conhecimento, não há artigo que delineie a história, o desenvolvimento e o papel da SEP na difusão/formação de uma ciência econômica heterodoxa no Brasil.

uma comunidade historicamente situada de pesquisadores com certos interesses, visão de mundo e tradição de pensamento. No entanto, isso nos leva a correr o risco de classificar uma imensa gama de artigos como pertencentes à área de HPE ou como influenciados por ela. No limite *todos os artigos* poderiam ser classificados como de HPE/Metodologia, já que invariavelmente se filiam a uma ou outra tradição de pensamento com sua própria história. Ou seja, inicialmente identificamos um viés para uma “superclassificação” de vários artigos como pertencentes e/ou influenciados pela área de HPE, já que o conhecimento é tradicional e evolui no tempo.

1.2 Adotando um critério de classificação do que é HPE, Metodologia e de permeabilidade de HPE/Metodologia para as demais subáreas da economia

Este é, portanto, o problema inicial com o qual nos defrontamos. Derivado dessa questão mais ampla, havia o problema de como separar também

- 1) os artigos propriamente de HPE;
- 2) os artigos de Metodologia;
- 3) a permeabilidade entre a HPE/Metodologia e outras subáreas da economia.

Começemos com o problema de definir os artigos como *HPE*. Nosso procedimento no artigo considerou como HPE todo artigo que visa discutir/analisar/criticar/comparar um determinado conceito ou ideia (ou conjuntos deles) desenvolvidos por um ou mais autores, seja em um período específico de tempo, seja em sua evolução no tempo. Exemplos típicos seriam os trabalhos “Friedman, Phillips, Phelps and the natural rate of unemployment” (de Danilo Freitas Silva, apresentado na ANPEC, 2013) ou “Sobre as categorias valor e preço da força de trabalho em Marx” (de Eliseu Araújo, apresentado na SEP, 2014). Pode ocorrer também de o conceito não vir necessariamente associado a um autor específico, ou de ser analisado segundo uma ótica particular. Veja, por exemplo, o artigo “Der Methodenstreit – A batalha dos métodos: principais pontos do debate” (apresentado na SEP, 2013, por Maria Lenz e Débora Löw).

Em todos esses exemplos, há episódios, conceitos ou ideias (recortados pela visão de um ou mais autores) da HPE que foram estudados por pesquisadores brasileiros. Deve-se observar também que em nossa perspectiva, um conceito ou ideia contemporâneos também possuem uma história (por exemplo, o conceito de “expectativas racionais”), de forma que podem ser classificados como HPE.

E quanto a artigos de outras subáreas de economia (como microeconomia, macroeconomia, economia internacional etc.) que são permeados por conceitos ou ideias de autores de outras épocas, como Smith, Ricardo ou Marx?⁶ É importante esclarecer esse ponto, haja vista que a contribuição principal de nosso artigo se encontra justamente nessa questão. Adotamos uma postura empírica para verificarmos se existe tal permeabilidade: um artigo que trate de um tema de macro ou microeconomia deve *explicitamente citar um determinado autor de HPE no corpo do seu texto e na sua bibliografia*. Além disso, tal autor deve, *em algum grau, ser relevante para o argumento principal do artigo*. Observe-se que não entramos no mérito de determinar se a aplicação de conceitos de um autor do passado a um problema econômico atual obedece a algum critério metodológico. Tudo que quisemos verificar é se os autores brasileiros fazem ou não uso de conceitos de teóricos da HPE em seus trabalhos em outras subáreas de economia.

O uso da expressão “em algum grau” no parágrafo acima demonstra que não usamos um critério de classificação 100% preciso, ou *aritmomórfico*, no conceito de Georgescu-Roegen (1999, cap. 2). Antes, preferimos adotar um critério do tipo dialético (também segundo a acepção de Georgescu-Roegen), de forma a captar nuances no uso de um autor do passado pelos pesquisadores brasileiros. Exemplificando: um dado autor pode ser filiado a uma linha de pesquisa “schumpeteriana” ou “neos-

⁶ O sintagma “autores de outras épocas” pode levantar dúvidas: Seriam, por exemplo, Milton Friedman ou John Kenneth Galbraith (mortos em 2006) de “outra época”? Qual o limite preciso que separa o passado do presente? Como explicaremos no parágrafo abaixo, utilizamos neste trabalho conceitos como “passado” de forma dialética. Quando falamos de “autores do passado” permeando a teoria econômica atual, estamos pensando em linhas similares ao que Boulding (1971) chamou de “extended present”: podem existir ideias ou conceitos de Smith ou Marx (ou mesmo Friedman e Galbraith) que até hoje não foram utilizados e podem ajudar a resolver um problema (teórico ou aplicado) de economia. Agradecemos a Carlos E. Suprinyak pela observação sobre o “extended present” de Boulding.

chumpeteriana” e usar várias vezes a expressão “(neo)schumpeteriano(a)” em seu texto. Contudo, se ele não busca necessariamente *no próprio Schumpeter* alguma inspiração para seu argumento, ele *não será* considerado como influenciado pela HPE/ Metodologia por nós. Essa observação é importante, haja vista que não é incomum que artigos de macroeconomia e economia internacional façam alguma referência pontual em algum momento a Marx ou Keynes. Segundo nossa metodologia, não podemos afirmar com grande probabilidade que haja uso em tais artigos de alguma ideia ou conceito original de Marx ou Keynes. Em contrapartida, um outro autor pode citar algum trecho de uma obra de Schumpeter, Marx ou Keynes poucas vezes, mas de forma que tal citação seja central para o desenvolvimento do argumento do seu artigo. Nesse caso, é bastante provável que o autor tenha lido, em algum momento, *o próprio Schumpeter (ou Keynes ou Marx)* para desenvolver seu argumento. Dessa forma, consideramos que tal autor, mesmo que tenha usado esses teóricos apenas poucas vezes, foi influenciado por eles e usou da HPE para produzir seu trabalho. Por exemplo, o trabalho “O milagre econômico brasileiro sob a ótica marxista: a quebra do pressuposto do pagamento do pleno valor do trabalho” (de Paulo Rogério Brene et al., apresentado na SEP, 2012) utiliza-se em sua primeira parte de uma leitura do volume I de *O capital*, de Marx, para aplicar, na segunda parte, ao caso do milagre econômico brasileiro. Ou seja, temos um caso em que a HPE (através de Marx) permeia a história econômica (o comportamento de alguns agregados macroeconômicos no período 1967-1973, no Brasil).

Por fim, vamos abordar o problema de definir o artigo como sendo de *Metodologia*. Nesse caso, o autor do artigo deve fazer uso de *teóricos que procurem analisar/criticar/contrastar sejam conceitos, metodologias, interpretações ou abordagens que lidam com um ou mais aspectos das teorias de uma ou mais tradições de pensamento econômico*⁷. Nesse caso, não é necessário que o autor esteja preso a algum teórico ou período específico de tempo na

⁷ Chang (2014) apresenta nove escolas (ou tradições) de pensamento econômico: clássica, neoclássica, marxista, desenvolvimentista, austríaca, schumpeteriana, keynesiana, institucionalista e comportamentalista. Embora seja possível fazer subdivisões em cada uma dessas tradições (e embora haja autores que não possam ser classificados exclusivamente em uma ou outra escola), tal classificação é uma aproximação simplificada do que vemos no Brasil. No que tange à HPE/ Metodologia nos congressos da SEP e ANPEC, as tradições mais importantes são as de Marx, Keynes, clássica e desenvolvimentista.

história das ideias econômicas. É possível inclusive que o autor trate de um problema específico e concreto (por exemplo, a crise financeira de 2008, estudada em muitos dos artigos aqui analisados), mas sempre com uma postura de análise, crítica ou contraste da abordagem de uma escola específica sobre o problema em questão.

Esquemáticamente, usamos os seguintes passos na prática de nossa metodologia:

- 1) verificamos se o título do artigo, bem como seu objeto de pesquisa e seu objetivo principal indicavam que poderia haver a presença de autores, conceitos ou ideias da área de HPE/Metodologia;
- 2) buscamos “marcas” no artigo na forma de nomes e/ou conceitos de teóricos do passado (por exemplo, verificamos se aparecem várias vezes os nomes de “Smith”, “Ricardo”, “Furtado” no artigo etc.);
- 3) excluímos as vezes em que os nomes e/ou conceitos de teóricos do passado apareciam apenas de forma ilustrativa ou retórica, sem contribuir para atingir o objetivo principal do artigo e/ou analisar ou tratar do objeto principal de pesquisa; e, finalmente
- 4) verificamos se havia citações explícitas dos autores e/ou conceitos do passado no desenvolvimento do argumento principal do artigo. Nesse caso, depois da triagem das etapas 1, 2 e 3, poderíamos afirmar que havia uma boa chance de o autor brasileiro ter usado originalmente algum autor, conceito e/ou ideia de HPE/Metodologia para atingir seu objetivo ou analisar seu objeto de pesquisa.

2. Tratamento dos dados

Os dados foram obtidos consultando-se os *sites* da ANPEC e SEP (disponíveis em <www.sep.org.br> e <www.anpec.org.br>), em que os artigos podem ser visualizados e consultados. Não houve problemas para a obtenção da maioria dos dados dos artigos, com exceção do ano de 2006 na SEP, em que os *links* para vários artigos não estavam disponíveis para visualização. A saída, nesse caso, foi verificar se os artigos estavam disponíveis em versões alternativas, seja em revistas especializadas ou em textos para discussão. Observe-se que a quase totalidade dos artigos foi encontrada em formato alternativo. O mesmo se sucede com

artigos cujos *links* foram removidos a pedido do autor (é o caso, por exemplo, do professor David Dequech, da UNICAMP, que produz trabalhos na área de metodologia econômica, em nossa classificação). No caso de não serem encontradas versões alternativas dos artigos, decidimos excluir o artigo por precaução metodológica.

2.1 Análise dos dados: o total de artigos apresentados nos congressos da SEP e ANPEC e a participação de HPE/Metodologia no total de artigos

A presente análise contemplou um total de 3.824 artigos apresentados em conjunto nos congressos anuais da ANPEC e pela SEP no período de 2004–2014. Por estarmos considerando os dois congressos como eventos distintos, o levantamento realizado aqui contempla duas publicações similares apresentadas nos dois congressos, no mesmo ano, como distintas.

Em um primeiro momento, fizemos uma análise distinta de cada congresso, considerando a grande quantidade de artigos e a grande diversidade de autores de HPE/Metodologia. Tal análise nos pareceu necessária, pois, como comentamos anteriormente, os dois congressos são bastante distintos e parecem possuir diferentes critérios de demarcação científica. A Tabela 1 explicita as diferenças entre os congressos da SEP e ANPEC tanto com relação à importância da área de HPE/Metodologia (ela é bem maior na SEP), quanto com relação à permeabilidade da HPE/Metodologia para outras subáreas da economia (também é bem maior no caso da SEP). Apenas para orientar o leitor com relação às informações da Tabela 1, as porcentagens foram realizadas em relação ao total de artigos especificamente de HPE, especificamente de Metodologia e aqueles de outras subáreas da economia que são permeáveis a autores de HPE/Metodologia, em cada ano.

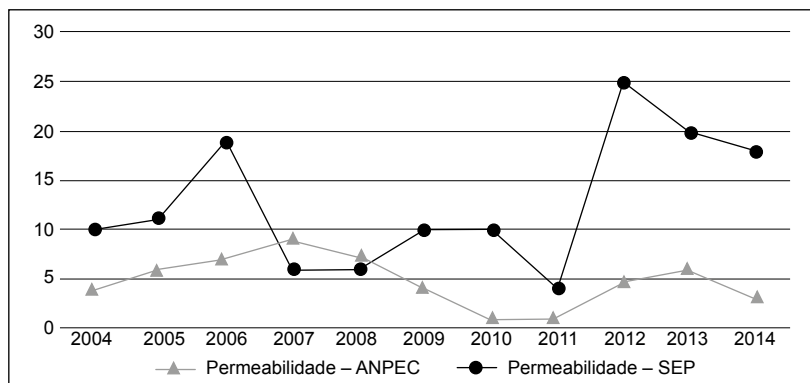
O Gráfico 1 explicita o fenômeno que viemos chamando de “permeabilidade” dos artigos da SEP a autores de HPE/Metodologia. Enquanto na ANPEC o número de artigos de HPE/Metodologia que permeiam outras subáreas da economia chega a cair a quase zero nos anos de 2010 e 2011, na SEP tal número é menor que dez em apenas três anos. Contudo, a criação em 2013 de uma área de economia política na ANPEC sinaliza a possível presença futura de artigos que tratem de temas como economia política internacional ou história econômica e que sejam permeáveis à HPE/Metodologia.

Tabela 1 – Porcentagens da participação de HPE/Metodologia e da permeabilidade com relação ao total de artigos por ano (2004-2014)

	HPE		METODOLOGIA		PERMEABILIDADE	
	ANPEC	SEP	ANPEC	SEP	ANPEC	SEP
2004	3,2%	11,8%	5,7%	10,0%	2,5%	9,1%
2005	6,9%	9,3%	2,9%	11,0%	3,4%	9,3%
2006	3,8%	18,8%	3,8%	18,0%	3,8%	14,8%
2007	2,3%	10,2%	4,0%	7,0%	5,1%	4,7%
2008	2,4%	18,5%	4,2%	8,1%	3,3%	4,4%
2009	6,0%	9,9%	3,8%	7,5%	1,7%	6,2%
2010	4,2%	11,5%	0,8%	6,2%	0,4%	8,8%
2011	3,6%	20,3%	4,4%	7,8%	0,4%	3,1%
2012	3,5%	10,6%	3,1%	11,3%	2,0%	17,7%
2013	5,1%	16,1%	2,4%	4,2%	2,4%	14,0%
2014	2,0%	8,6%	2,0%	18,5%	1,2%	11,9%
Média	3,9%	13,2%	3,4%	10,0%	2,4%	9,5%
Desvio-padrão	1,6%	4,3%	1,3%	4,6%	1,5%	4,7%

Fonte: Elaboração própria dos autores.

Gráfico 1 – Comparação entre ANPEC e SEP na permeabilidade de outras áreas à HPE/Metodologia, 2004-2014

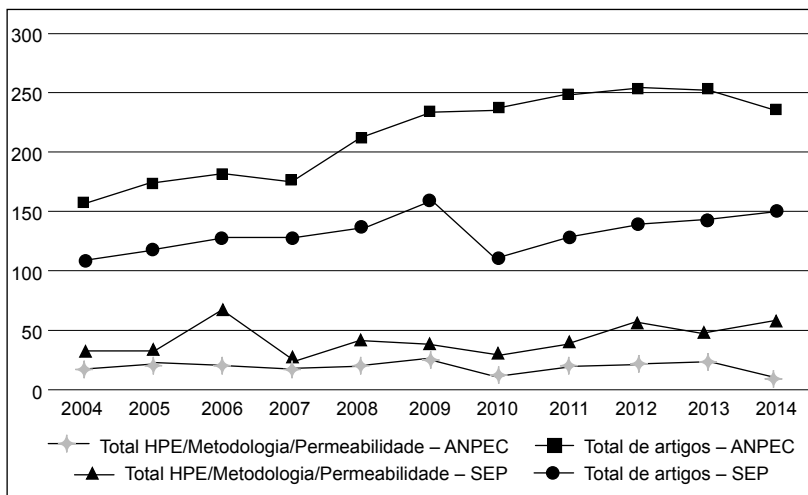


Fonte: Elaboração própria dos autores.

Por sua vez, o Gráfico 2 fornece uma visão panorâmica do que ocorre com a área de HPE/Metodologia, tanto na SEP quanto na ANPEC em conjunto nos últimos dez anos: a ANPEC é o congresso em que há maior apresentação de artigos em todas as subáreas da economia, em todos os anos investigados.

Quando considerado o item “HPE total” – que engloba tanto artigos exclusivamente de HPE, quanto de Metodologia, bem como aqueles em que teóricos de HPE/Metodologia aparecem em outras subáreas da economia –, vemos que a SEP possui um número maior de artigos em todos os anos.

Gráfico 2 – Comparação entre ANPEC e SEP na produção total em HPE/Metodologia e artigos de outras áreas “permeáveis” à HPE/Metodologia, 2004-2014



Fonte: Elaboração própria dos autores.

2.2 Os teóricos mais utilizados pelos autores na SEP e na ANPEC

Como colocamos na introdução deste artigo, um dos focos da diferença entre os congressos da SEP e ANPEC (no que diz respeito à permeabilidade da fronteira entre HPE/Metodologia e outras subáreas da economia) diz respeito aos principais teóricos estudados pelos pesquisadores brasileiros nos dois congressos. Como já mencionamos, esse ponto pode sinalizar uma possível pluralidade do pensamento econômico brasileiro, bem como possíveis linhas de pesquisas em economia características do Brasil.

Como na subseção anterior, os contrastes entre os congressos da SEP e ANPEC aconselham que se faça uma análise separada dos dois, para

que possamos identificar as especificidades de cada um deles, e não se homogeneíze a produção em HPE/Metodologia, quando se somam os dados dos dois congressos.

Começamos, assim, com os principais autores referenciados nos artigos da ANPEC, entre 2004-2014. Como se pode perceber, as tabelas mostram que Keynes, Marx, Smith e Furtado são os quatro autores mais referenciados nos últimos dez anos, entre os artigos influenciados por HPE/Metodologia e aqueles exclusivos dessa área.

Observando os dados na Tabela 2, pode-se fazer tentativamente uma divisão de cinco principais linhas de pesquisa específicas com base na semelhança entre os principais teóricos estudados por pesquisadores brasileiros: há uma possível linhagem que envolve Keynes, Kaldor, Minsky, uma outra envolvendo Smith, Ricardo, Mill, Marshall, outra ainda com Furtado, Prebisch, Prado Jr., uma linha marxista com Marx, Lenin, Hilferding, Lukács e, por fim, uma linha institucionalista-evolucionária com Veblen, Schumpeter. Embora não seja tema deste artigo, pode-se investigar em outro trabalho a frequência com que Keynes aparece com Kaldor e Minsky, ou Smith com Hayek, ou Furtado com Prebisch, por exemplo. Ou seja, pode-se verificar como os autores brasileiros constroem seus argumentos fazendo uma rede conceitual – ou um *cluster* – proveniente de autores de uma dada linhagem de pensamento econômico.

No entanto, o que realmente chama a atenção é a célula “outros”, que engloba teóricos tanto da área de economia (como Kaldor ou Robinson), quanto filósofos (como Quine ou Rorty) ou historiadores (como Braudel). No caso da SEP, a presença de autores fora do que usualmente se considera como o domínio próprio da economia (como Daniel Defoe, Immanuel Kant, Machado de Assis e Martin Heidegger) mostra que a área de HPE/Metodologia, ao menos no caso específico da SEP, tende a ser bastante transdisciplinar, como já observado. Este é mais um diferencial claro entre SEP e ANPEC, já que literatos ou filósofos não diretamente ligados ao pensamento econômico não aparecem no congresso desta última. No entanto, a imensa variedade de autores pode ser um fator complicador, ao dificultar a criação de um espaço comum de diálogo e pesquisa. Tal dificuldade é naturalmente menor para aqueles autores que trabalham com Marx, Keynes, Furtado ou Smith, pois a tradição de pensamento desses autores já está mais bem estabelecida. A questão pode ser mais complicada, contudo, quanto se trata de achar um espaço comum

de diálogo para autores que, digamos, pesquisem as ideias de Rorty e Condillac.

Tabela 2 – Ranking dos 20 teóricos mais referenciados, 2004-2014

ANPEC		SEP	
Marx	58	Marx	228
Keynes	46	Keynes	74
Smith	18	Furtado	60
Hayek	13	Smith	31
Kaldor	13	Schumpeter	30
Furtado	12	Minsky	22
Hodgson	11	Ricardo	20
Marshall	10	Lenin	18
Minsky	10	Hilferding	17
Veblen	9	Lukács	16
Kalecki	8	Kalecki	13
Mill	7	Braudel	12
Polanyi	7	Mandel	12
Ricardo	7	Prebisch	12
Lucas	7	Bhaskar	11
Hegel	5	Sraffa	11
Lawson	5	North	10
McCloskey	5	Marini	10
Pigou	5	Prado Jr.	9
Sraffa	5	Hayek	9
180 outros		225 outros	

Fonte: Elaboração própria dos autores.

3. Conclusão do trabalho e desenvolvimentos futuros

Este trabalho procurou investigar a produção em HPE/Metodologia no Brasil, empiricamente, a partir de dois dos principais congressos de

economia do país – SEP e ANPEC de 2004 a 2014. Utilizamos uma metodologia que nos permitiu verificar que conceitos ou ideias de certos autores clássicos (Smith, Marx, Keynes, Furtado) ainda são efetivamente usados em trabalhos atuais em outras subáreas da economia. Embora mais trabalhosa, nossa metodologia permitiu analisar de que forma a HPE/Metodologia podem sair de suas fronteiras e entrar em outras subáreas de economia (o que uma análise puramente bibliométrica poderia não captar).

Como resultado de nossa pesquisa, mostramos que há, de fato, alguma permeabilidade da área de HPE/Metodologia com relação aos outros domínios da economia. Mostramos ainda que há uma diferença substancial nesse quesito entre os dois congressos estudados: a permeabilidade é maior no caso do congresso da SEP, embora ela exista também no caso da ANPEC. De fato, aquilo que Arida (2003) denominou como *soft science* e *hard science*, a SEP se aproximaria mais da primeira, enquanto a ANPEC estaria mais ligada à segunda. Mostramos ainda que há uma enorme pluralidade de autores investigados pelos pesquisadores brasileiros e que, no caso da SEP, eles frequentemente saem das fronteiras do que burocraticamente denominamos “economia”. Contudo, não está claro como se pode criar um diálogo diante de tamanha diversidade que, do ponto de vista da transdisciplinaridade, seria desejável. Por outro lado, também há concentração de pesquisa em grandes autores clássicos – Marx, Keynes, Smith, Furtado –, em que o diálogo entre os pares certamente é mais fácil.

Como já aventado na seção 2, pode-se sugerir que o lado positivo dessa concentração nesses autores está na possibilidade de construção e sedimentação de linhas de pesquisa em economia alternativas no Brasil, distintas daquelas de outros países. Por outro lado, vários temas que poderiam ser de interesse para o próprio pensamento econômico brasileiro – por exemplo, o problema da especificidade histórica das ciências sociais, caro aos pensadores alemães do meio para o fim do século XIX – são muito pouco estudados. Quando o são, são obra de apenas um ou dois pesquisadores que dificilmente conseguem dialogar a respeito com seus pares, dada a diversidade temática e autoral que permeia a pesquisa na área de HPE/Metodologia no Brasil.

Um possível resultado dessa concentração em poucos teóricos diz respeito à sedimentação de linhas de pesquisa alternativas em HPE/

Metodologia no Brasil. É positivo para a formação de um pensamento econômico plural que haja linhas de pesquisa centradas em Marx, Keynes, Smith e Furtado. Contudo, segundo o recorte que fizemos em nosso objeto, verifica-se que há pouca produção nas linhagens austríaca ou historicista (seja inglesa ou alemã), enquanto o pensamento velho-institucionalista se centra quase que somente em Veblen.

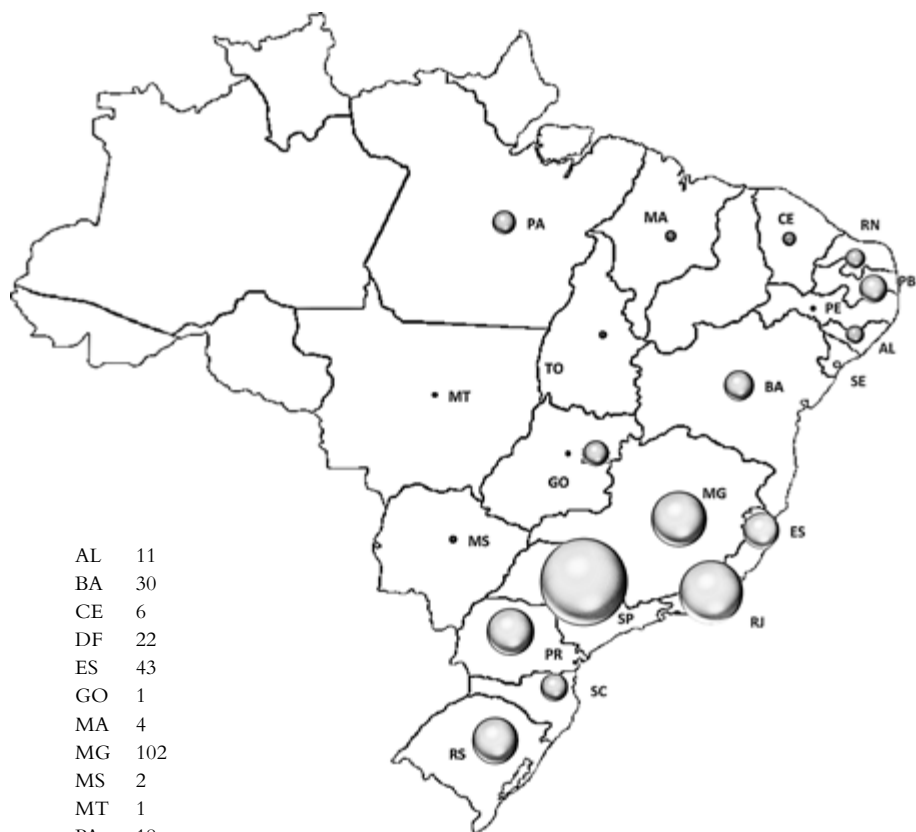
Por fim, o artigo traz ainda a possibilidade de gerar pesquisas futuras. Como foi aventado na subseção 2.2, é possível, por exemplo, mostrar quais são as “redes conceituais” possíveis de serem formadas a partir do trabalho de certas linhagens de pensamento – por exemplo, linhagens a partir de Keynes, Marx ou Smith. Podemos mapear ainda a concentração da produção em HPE/Metodologia nos diversos estados e instituições brasileiras, bem como a produção de artigos conjuntos em diferentes instituições nacionais e estrangeiras. É possível ainda apontar para as subáreas da economia que os pensadores de HPE/Metodologia brasileiros mais influenciam. Estas são questões que podem ser trabalhadas em futuros artigos.

Referências bibliográficas

- ARIDA, P. A História do Pensamento Econômico como teoria e retórica. In: GALA, P.; REGO, J. M. *Retórica na economia*. São Paulo: Editora 34, 2003.
- BOULDING, K. After Samuelson, who needs Adam Smith?. *History of Political Economy*, v. 3, n. 2, p. 225-237, 1971.
- CHANG, Ha Joon. *Economics: the user's guide*. London: Pelican Books, 2014.
- FERNANDEZ, R. G.; SUPRINYAK, C. E. *Creating academic economics in Brazil: the Ford Foundation and the beginnings of ANPEC*, June 12, 2014. Disponível em <SSRN: <http://ssrn.com/abstract=2630781>> ou <<http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.2630781>>.
- FEYERABEND, P. *Contra o método*. São Paulo: Editora UNESP, 2007 (1978).
- GEORGESCU-ROEGEN, N. *The entropy law and the economic process*. Harvard: Harvard University Press, 1999 (1971).
- KUHN, T. A *Estrutura das revoluções científicas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1997 (1962).
- MALTA, M. M. *Ecos do desenvolvimento: uma História do Pensamento Econômico brasileiro*. Rio de Janeiro: IPEA, 2011.
- MORIN, E. *Ciência com consciência*. São Paulo: Bertrand Brasil, 2000.
- POPPER, K. *Conjecturas e refutações*. 3. ed. Brasília: Editora UnB, 1994 (1963).
- SANTOS, B. S. *Um discurso sobre as ciências*. São Paulo: Cortez, 2003.
- WEINTRAUB, R. *The future of the history of economics: annual supplement to volume 34 of the History of Political Economy*. Duke: Duke University Press, 2002.

Anexo

Mapa do Brasil com os níveis de produção em HPE/ Metodologia por estados nos congressos da ANPEC e SEP, no período de 2004 a 2014



AL	11
BA	30
CE	6
DF	22
ES	43
GO	1
MA	4
MG	102
MS	2
MT	1
PA	18
PB	26
PE	1
PR	74
RJ	136
RN	13
RS	72
SC	25
SE	2
SP	256
TO	2